

L A M P I Ã O

Peço à Musa da Poesia
Que me dê inspiração,
Para falar das badernas
O corridas no Sertão
Dos Estados nordestinos,
Causadas por Lampião.

Assim era que chamavam
O Cangaceiro Virgulino,
Que já era malfasejo
Desde os tempos de menino,
E pervertido cresceu,
Nem Deus mudou seu destino.

E com outros celerados,
Um forte bando formou
E nas terras nordestinas
O terrorismo implantou,
Se dizendo justiceiro
Muita gente desgraçou...

Era vil e desordeiro,
Era cruel, sanguinário,
Por onde quer que passasse
Levava como um sicário,
O sofrimento e a dor,
No seu negro itinerário.

Desrespeitava as famílias,
Não tinha religião,
Deixava sempre após si
Tristeza e devastação;
Estava acima das Leis,
Era o terror do Sertão!...

Era tanta atrocidade
Sem nenhuma compaixão,
Que só fera era capaz
Pra tanta judiação;
Parecia não ter alma
Nem tão pouco coração...

Certo dia, nas andanças
Com seu bando, Lampião,
Passando lá pelo Crato,
Padre Cícero Romão,
Deu escrito ao cangaceiro,
Patente de "Capitão"!...

E com essa autoridade
Que supunha ser real,
Prosseguia nos desmandos
Com liberdade total,
Dando aso ao seu instinto
Hancoroso e bestial...

Apesar do poderio
Aparente que ostentava,
Sempre havia uma Volante
Que descanso nunca dava
Ao grupo de bandoleiros
Que o Sertão assombrava...

Entre os chefes de volantes,
O Tenente Zé Rufino,
Procurava Lampião.
O temido "Virgulino",
Dia e noite, sem descanso,
Sem rumo certo ou destino.

Outras volantes também
Faziam as mesmas jornadas
Na busca do cangaceiro
Pra serem recompensadas,
Com promoções e medalhas
Nas vitórias alcançadas...

Lampião era festeiro
E gostava de pagode,
Demonstrando autoridade
Dizia: manda quem pode
E obrigava o sanfoneiro
A tocar seu "Pé-de-Bode".

Todo mundo alí dançava
Na maior animação,
Com muito gosto e respeito
Sem nenhuma confusão
Desde que fosse cumpridas
As ordens de Capitão...

Desde o solo Potiguar:
O Rio Grande do Norte,
Por onde êle passava
Deixava o rastro da Morte,
Do Punhãl ou da Peixeira,
Do Fuzil ou Clavinote,...

Também deu padecimento,
Sofrimento e agonia,
Ao povo da Paraíba,
Pernambuco e Bahia,
Até Sergipe e Alagoas
Provaram da tirania...

E assim correndo mundo,
Sem ter sossego nem paz,
A viver sempre fugindo
Deixando tudo pra trás,
Qual cão fugindo da Cruz
E de Deus o satanaz...

...
Mas como nada se perde,
êle também tinha amigos
E depois d'uma refrega
Não lhe faltavam abrigos
Com segurança e conforto,
Sem ter abuso ou perigos...

Tinha muitos protetores,
Coiteiros tinha a granel;
No jogo sujo da vida
Desempenhando um papel
De total cumplicidade,
Sempre havia um Coronel...

Era grande o entendimento
Na permuta de favor;
Ninguém ali distinguiu
Protegido ou protetor,
Não havia diferença
Entre vassalo e senhor..

E assim ele vivia
Com toda tranquilidade
Praticando os seus crimes,
Fazendo perversidade
Através de seu roteiro,
Na Caatinga ou na Cidade.

No Sertão andava atôa,
Sem destino ou paradeiro

E quando acaso chegava
À casa d'um fazendeiro,
Exigia cruelmente,
Jóias, comida e dinheiro.

Mas tudo um dia tem fim
E êsse dia chegou,
De supetão, de repente
Outro clima se criou,
De Virgulino Ferreira
O reinado terminou...

Parece que Virgulino
Já tinha encontro marcado
Com a morte em Angicos
Onde estava homiziado;
O bando de cangaceiros
Foi alí exterminado!...

Logo a notícia correu,
Deu em todos os Jornais
E mandaram mensageiros
Avisar nas Capitais
Que o Bem venceu o Mal!...
Lampião não vive mais!...

O povo todo cantava
Com fervor e animação,
Terminou a tirania,
Acabou-se Lampião,
Tudo agora é alegria,
Voltou a paz ao Sertão...

- F I M -

- 11 -

Rápido comentário

O presente Cordel não se prendeu à narrativa do roteiro malfadado de Virgolino Ferreira da Silva, por considerar essa incursão redundante, pois, há mais de sete décadas sua história tem sido contada e cantada em prosa e versos e qualquer tentativa que se faça para acrescentar algo a essa Saga, corre-se o risco de incidir em repetição ocasional e circunstancial, frustrando o leitor em sua expectativa de fatos novos no conjunto literário sobre Lampião. Como minha pretensão é bastante modesta, resolvi me ater à fatos e ocorrências esparsas que ouvi contar através da vida, por pessoas que naquela época vivenciaram o clima de terror e atrocidades a que o cangaceiro submetia a população nordestina.

O Autor.